

“RAÍZES PARINTINTIN: RECONECTANDO COM A HISTÓRIA INDÍGENA E A SOCIALIZAÇÃO NA AMAZÔNIA”.

Leidiane Gomes Pereira ¹
Adrielly Carvalho de Paula ²
Gizele Carvalho Leal³

INTRODUÇÃO

A socialização é um processo interativo e contínuo, através da transmissão do conhecimento, dos mecanismos de controle social e das estruturas sociais. Nós somos socializados pela aprendizagem, pela imitação, e pela identificação. Os agentes da socialização são a família, os grupos sociais e a escola. Ou seja, é a assimilação de hábitos característicos do seu grupo social, todo o processo através do qual um indivíduo se torna membro funcional de uma comunidade, assimilando a cultura que lhe é própria.

Para tal, a Sociologia enquanto ciência, corrobora na utilização de métodos de análises sociais capazes de identificar, compreender e explicar os fenômenos recorrentes às estruturas e desenvolvimento dos grupos sociais, seus padrões de relações e interação social, bem como a cultura da vida cotidiana.

Somando a esse contexto, é fundamental compreender que o ensino da história indígena vai além do estudo das culturas pré-colombianas ou dos acontecimentos relacionados à colonização do Brasil. É importante abordar a realidade atual dos povos indígenas, seus direitos, lutas e contribuições para a sociedade brasileira.

No que tange ao processo socializador e a transferência dos valores culturais de um grupo social, Pierre Bourdieu (1977) corrobora em suas análises enfatizando o *habitus* como instrumentalização de transposição de conhecimento e mantimento das bases estruturais de uma sociedade. Nesta perspectiva, Bourdieu diz que:

o habitus é formado pelo conjunto de esquemas gerativos, a partir dos quais os sujeitos percebem o

¹Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Rondônia-Unir. Especialista em Neuropsicopedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI. Mestranda no curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional – ProfEPT (IFRO). leidhy.life@hotmail.com

²Graduada em História pela Universidade Federal de Rondônia-Unir e especialista em Africanidade e Cultura Afro-brasileira pela Universidade do Paraná – Unopar. adriellycarvalho01@gmail.com;

³Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Especialista em Leitura e tradução da Libras – Centro Universitário Santo André – FSA. gicarvalhoesilva@gmail.com

mundo e atuam sobre ele. Esses esquemas estão socialmente estruturados: foram formados ao longo da história de cada sujeito e supõem a interiorização da estrutura social do campo concreto de relações sociais, no qual o agente se configurou enquanto tal. Ao mesmo tempo, são estruturantes: são a partir das estruturas que se produzem os pensamentos, as percepções e as ações do agente. É a partir do *habitus* que os sujeitos produzem suas práticas. (Bourdieu 1977).

Desta forma, o objetivo de trabalhar a cultura dos povos indígenas na disciplina de história e sociologia na escola é promover a valorização e o conhecimento sobre a diversidade cultural presente no país. Além disso, também tem como objetivo desconstruir estereótipos e preconceitos em relação aos povos indígenas, contribuindo para a formação de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa.

Esse estudo é uma pesquisa de caráter sociocultural, através de uma abordagem qualitativa, que visa compreender e analisar a identidade das manifestações culturais da comunidade indígena “Pupunha”, como processo de formação e transformação cultural e socioambiental. Bem como, considerar a importância de conhecer a cultura amazônica além do contexto teórico.

O intuito do projeto é facilitar a compreensão do processo de modernização na matriz socializadora da identidade amazônica; promover o diálogo intercultural entre a sociedade local e os Parintintins, incentivando a troca de saberes e experiências. Partindo disso, direcionamos os discentes a fazer uma análise contextual do processo socializador amazônico; aprofundamos o aprendizado dos alunos sobre a prática didática – Estudo de Campo e incentivamos os alunos a conhecer sobre a identidade cultural de sua região.

METODOLOGIA

A opção metodológica adotada na pesquisa foi a Qualitativa do tipo Exploratória/Descritiva. O local visitado foi a comunidade indígena “Pupunha”, localizada na BR – 230, Transamazônica. Pertence a reserva indígena 09 de janeiro, situada à 7 Km da cidade de Humaitá, no sul do Amazonas. Buscamos abordar suas formas de manifestações culturais e sua identidade, bem como, a influência da transformação sociocultural através da modernidade. A atividade proposta foi executada

com os discentes da Escola Estadual Gov. Plínio Ramos Coelho – GM3, nas turmas de 1ºséries (1, 2, 3 e 4), nos turnos matutino e vespertino.

Propomos que fizessem uma análise da cultura indígena, para o conhecimento, em sua contemplação nas dimensões, como a linguagem, os valores, as crenças, os costumes e os rituais, entre outras tantas dimensões. Objetivou-se fazer um estudo da identificação e das formas como os diferentes grupos habitam, alimentam-se, vestem-se, como estes organizam suas relações sociais, suas manifestações religiosas e como compreendem o significado dos seus símbolos.

A Aldeia Pupunha, localizada no coração da Amazônia, é lar da etnia Parintintin. Durante nossa visita à aldeia, pudemos vivenciar uma experiência única e enriquecedora, conhecendo de perto a cultura e o modo de vida desse povo.

Logo ao chegarmos, fomos recebidos com calorosa hospitalidade por toda a aldeia. Uma das primeiras coisas que nos chamou a atenção foi a organização comunitária presente no local. As lideranças locais fizeram uma recepção com elementos culturais de sua própria etnia, mostrando a todos os ritos de boas-vindas da comunidade para conosco.

Ao longo do dia, tivemos a oportunidade de participar de diversas atividades, como a apresentação de todas as lideranças indígenas locais, a apresentação de todo o corpo docente da escola, bem como a exposição e explicação de alguns ritos e elementos culturais da comunidade, fazendo um intercâmbio cultural. Tivemos momentos de trocas significativas, como a oportunidade de aprender sobre a língua Parintintin e a história ancestral da etnia, que foi realizada por meio de conversas com os mais velhos, no caso o cacique (seu Marazona), onde pudemos compreender a luta constante pela preservação da identidade cultural e o resgate de práticas tradicionais.

A Aldeia Pupunha é um verdadeiro exemplo de resistência e resiliência. Apesar dos desafios enfrentados diante do avanço da modernidade e da pressão do mundo exterior, os Parintintin lutam incansavelmente pela preservação do seu modo de vida e proteção do meio ambiente. Essa experiência na Aldeia Pupunha foi verdadeiramente transformadora. Aprendemos muito sobre respeito à natureza, comunidade e preservação cultural. A convivência com os Parintintin despertou em todos nós uma maior conscientização sobre a importância de valorizar e proteger a diversidade étnica e cultural que existe no nosso país.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir desta aula em campo obtivemos como resultado uma compreensão prática de como a comunidade Indígena Pupunha se estrutura e se organiza enquanto grupo social, mantendo suas raízes socializadoras, mostrando aos alunos de forma empírica o organismo funcional de uma comunidade indígena, que antes era analisado apenas em abordagens teóricas.

A documentação e registros escritos/fotográficos da história indígena dos Parintintins, contribuiu para ampliar a produção do conhecimento reflexivo e proporcionou uma melhor compreensão dos modos de vida da comunidade frente à modernização, bem como contribuiu para enfatizar a importância da valorização da cultura indígena.

Além disso, obtivemos um melhor entendimento no que tange à transmissão aos seus ritos, conhecimentos e valores. Por fim, pudemos estabelecer parcerias e trocas de experiências entre os indígenas Parintintins e os discentes da referida escola, criando laços de respeito e cooperação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A organização das atividades de trabalho, bem como das estruturas culturais entre as relações na comunidade, se mantém por incorporar nas novas gerações os valores da cultura raiz e a importância de preservá-la. É inegável que tal modo de criar e educar os filhos tem suas vantagens, na medida em que proporciona um ambiente familiar mais saudável, com os pais acompanhando integralmente o crescimento dos filhos em todos os sentidos, algo difícil de ser conseguido no meio urbano, descortinando um horizonte de perspectivas de valores morais e culturais junto à comunidade.

Eles dividem as atividades e os aspectos simbólicos que as envolvem, e solidificam a presença da conservação dos ritos. Nesse sentido, a cultura é uma forma de

criação de *habitus*, que se perpetuam de geração a geração mantendo os laços matrizes da comunidade viva até os dias de hoje. Ademais, na cultura indígena, enquanto sistema de disposições para atuar, perceber, sentir e pensar de certa maneira, interiorizado e incorporado pelos indivíduos na comunidade ao longo de sua história, esses *habitus* se manifestam em um sentido prático, que funcionam como preservação da identidade cultural.

Por fim, obtivemos através dessa experiência de aula em campo, a real possibilidade de observarmos através de um olhar histórico e sociológico, a formação das estruturas culturais que a comunidade indígena Pupunha vem preservando ao longo do tempo. Dessa maneira, percebemos a ênfase que os líderes da comunidade interrelacionam aos demais, em repassar tais valores aos novos, no que tange a cultura, ritos, linguagens, tradições, culinária etc. Mantendo de forma coesa a importância desses valores na consciência ideológica deles, perpetuando suas origens vivas e preservadas ao longo da história e na sociedade de modo geral.

Palavras-chave: Identidade Amazônica, Processo Socializador, Cultura.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática: precedido de três estudos sobre etnologia Cabila. Oeiras: Editora Celta, 2002
- BOURDIEU, Pierre. questões de sociologia Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- CUCHE, Denis: A noção de cultura nas ciências Sociais. Bauru: EDUSC, 1999.
- FERNANDES L. A.; Gomes, J. M. M. Relatório de pesquisa nas Ciências Sociais: Características e modalidades de investigação. ConTexto, Porto Alegre, v. 3, n. 4, 2003.
- GALLIANO, Alfredo Guilherme. O método científico: teoria e prática. São Paulo: Harbra, 1986.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008. LAGE, Giselle Carino. Revisitando o método etnográfico: contribuições para a narrativa antropológica. In: Espaço Acadêmico, n. 97. 2009. Disponível em. Acesso em: 04 mar.2016.
- LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. São Paulo: Brasiliense, 2003
- MAINARDES, Jefferson. Pesquisa etnográfica: elementos essenciais. In: BOURGUIGNON, Jussara Ayres. Pesquisa Social: Reflexões teóricas e metodológicas. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009. p. 99-124. TITIEV, Mischa. Introdução a antropologia cultural. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1969.